

A velha

**Tudo que conta
passa a existir!**

Oswaldo Andrade



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Osvaldo

A velha / Osvaldo Andrade. -- Cidreira, RS :
Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-00-98569-6

1. Contos brasileiros I. Título.

24-200219

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Osvaldo Andrade
A Velha

ISBN papel: 978-65-00-98569-6

Impresso no Brasil

Editado por autor.

Índice

Apresentação	05
Capítulo 1	07
Encruzilhada	09
Capítulo 2	21
A casa	23
Capítulo 3	31
Tempo inverso	33
Capítulo 4	47
Josias	49
Capítulo 5	61
Um corpo no lago	63
Capítulo 6	71
A velha da janela	73

Capítulo 7	81
Olhos curiosos	83
Epílogo	93

Apresentação

Da verdade, em verdade eu digo que é a exatidão do ocorrido e não pode ser modificada. Ela significa tudo aquilo que está intimamente ligado ao que é sincero. É também a afirmação do que é correto. Já um dos frutos dessa verdade: a realidade - que é formada pela efetividade dos fatos; a critério de quem a conte - ela pode ser alterada. Daí as realidades serem múltiplas neste universo de coisas. Usa várias fontes de informação para construir a sucessão de processos conforme uma interpretação.

Por mais distantes dos envolvimento pessoais que possa parecer, sempre há uma vontade impressa daquele que conta. Uma escolha que satisfaça; não o fato em si, mas a posição assumida diante do ocorrido; como um “cameraman” que escolhe o ângulo de filmagem. Não possibilita a amplitude dos fatos, mas prioriza o foco de interesse.

E a humanidade alicerçou-se nessas realidades construídas. E surgiram as normas e leis, prendendo o homem nos seus padrões. Chamam isso de viver em sociedade!

Portanto, dos falares em torno das fogueiras aos contos escritos, nasceram as realidades. E frutos dos fatos feitos se fizeram numa sequência infinita. Batalhas, guerras, vitórias, derrotas, todas contadas segundo a versão de quem a conte. E a história é contada, não como foi; mas como deveria ser.

Assim vou contar-lhe algumas histórias. Vou falar de fatos com existência própria. De vidas que passam a existir nesta realidade que conto. Se é verdade ou mentira, não importa. Mas passa a existir como uma nova realidade depois que conto.

E neste conhecimento de realidade, é a investigação um processo para a construção do desenvolvimento humano. Mas essa pesquisa eu deixo para o final, pois o melhor da história é a descoberta.

Entra!

Fica à vontade.

Capítulo 1

Eu, quando jovem, pensava que sabia de todas as coisas do mundo. Pensava que aquilo, que os mais velhos nos dizem, não é a verdade dos fatos. E saí em busca do que acreditava; sem saber de nada.

No entanto, as pessoas mais velhas já passaram por diversas provas durante as suas vidas. Pode ser até, que não são especialistas no que dizem, porque talvez nunca estudaram aquilo em questão; mas provaram muitos momentos. Digo isso, porque sou uma velha com muita experiência na vida... Até de mais! Bom. Deixa isso pra lá. Nós mulheres não gostamos de revelar a idade. Vaidade ou não, eu também prefiro não falar neste assunto...

A vida passa para todo mundo da mesma forma. Alguns aproveitam, outros não. Sei disso porque eu tive boa professora que me ensinou coisas de que poucos tiveram oportunidade de aprender. Mas, já faz muito, isso foi na época em que havia mestres e discí-

pulos. Tenho hoje força e coragem, pois minha formação foi muito sólida. Foi mágica!

Com tudo, uma das coisas em que pretendo te falar aqui, é o medo.

É evidente que ele faz parte de todo animal com instinto de sobrevivência por razões óbvias. Entretanto, o ser humano vai mais além das fobias naturais. Ele tem suas fantasias e personifica esta sensação.

Este sentimento receoso em inúmeras situações pode nos fazer sentir desalento e conseqüentemente nos causa sofrimento. Pois a vida é apenas um momento neste maravilhoso universo de coisas. E não devemos nos deixar levar por fantasmas da nossa imaginação.

Quando o medo é personificado em histórias que nos contam, saímos por aí enxergando vultos em qualquer muro. Sem razão alguma e fugitivos da imaginação. Neuróticos em nós mesmos.

Qualquer toque, qualquer barulho nos assusta. Nos põe como perseguidos.

Por isso, ponha-te em atenção, porque tudo que se conta, passa a existir.

Encruzilhada

I

O lugar era um pequeno vilarejo no interior do estado, com casas velhas do tempo da colonização. Cachorros e carroças faziam o maior trânsito das ruas. Além dos moleques de fundas na mão, o progresso da vida urbana não chegara ali, só passava por perto.

As pessoas engomadas como manhãs de domingo rodeavam a igreja, igual mariposas a um lampião. Celebrava-se um casamento.

Lá estavam os noivos, felizes e irradiando alegria. De joelhos, lado a lado pousados no altar.

A igreja levantada em pedras nos anos do Império, construção projetada ainda no estilo barroco, feita pelas mãos dos índios e colonos, sustentava na torre o sino importado. Fora trazido de Portugal em navio clandestino especialmente para soar no céu da pequena vila na época.

Neste momento há um casamento lá dentro. Na frente da igreja, alguns passeavam pela praça be-

bendo goles de sereno. Assim como aos finais de semana, o local estava cheio de crianças e namorados, e carolas que se cumprimentavam. Era esta uma noite de festa na cidadezinha.

Ela não era muito grande, como já se percebe, mas debruçava-se à margem do rio que por ali passava, exibindo suas águas escuras. Este era e sempre foi o único acesso ao lugar. Daí se explica o grande número de caíques e outras embarcações pontilhando as bordas do trapiche.

Pelas ruas em horas de sol, descem carroças num vai e vem ao porto, das fazendas e charqueadas, levando suas mercadorias; sustentando a economia local.

Com as primeiras estrelas no céu, termina o casamento. E a porta da igreja vê-se entupida de festeiros, abraçando o noivo e beijando a noiva.

Filha da terra que era, conhecida de todos que a viram nascer e crescer, tornando-se nessa esplêndida mulher. “Um casamento bonito” diziam todos! Porém, o noivo não muito conhecido. Veio morar ali a pouco tempo. Morava só, ele e a velha mãe numa casinha retirada da povoação.

Ele era um bom rapaz - como diziam - trabalhador, inteligente; um tanto calado. Pouco se ouvia sua fala, porém, quando dizia algo, todos o admiravam. A tristeza ou a timidez também fazia parte de suas características. Mas isso não incomodava ninguém.

O amor! Ah, esse amor! Envolveu os dois num laço só. Curta temporada de namoro... e olha aí. Já estão casados.

Ela, quem não a conhecia, já disse! Bonita e amiga de todos. Sempre alegre e contagiante. A mãe, coitada, morreu no dia do parto. Foi, então, criada pela sua tia Amélia, porque o pai viajava muito. Ele trabalhava em uma chata de transportar areia. Numa de suas viagens, ocorreu o acidente com uma das máquinas. Ele nunca mais voltou. A menina tinha naquela época seis anos. A tia, irmã do pai, encarregou-se de sua criação.

Amélia carrega quarenta e seis anos nas costas e jamais pensou em casar-se. Mulher honesta e conhecedora de muitos remédios, ervas e simpatias. Tinha seus serviços a cuidar da saúde dos moradores dali. Atendia partos, curava coqueluche, bronquite, desengasgava os pescadores de suas espinhas de peixe.

Saindo da igreja, foram para a festa na casa da tia. Onde dançaram, comeram e beberam. Uma bela festa.

O casal, obviamente, despedira-se dos convidados e partiram para a casa nova, onde iriam morar.

Os dias foram passando, e ao decorrer da convivência, ela sentia distante o seu marido. Havia noites em que ele saía e só voltava com o sol nascido. O bebê que carregava era seu único motivo para estar junto do marido.

A tia foi quem fez o parto. Um menino grande. E bonito como a mãe. O que lhe preocupava eram as noites em que o marido saía. Dúvidas lhe visitavam.

Numa noite, resolveu segui-lo. Era verão. O céu claro. A lua estava se mostrando no horizonte. Seria enorme lua cheia.

- O que houve meu bem? Você parece tão nervoso.

- Não é nada! Eu não estou com fome, é só.

- Ora, meu bem, come só um pouquinho.

A mulher meiga e compreensiva é surpreendida pela brutal reação do marido.

- Já disse que não quero.

Esmurrando à mesa, levanta e sai porta a fora.

Numa primeira reação nada fez. Paralisada, ficou por instante. Porém, decidida em descobrir, pegou o bebê nos braços e saiu para seguir o marido.

Caminhou quase toda a noite, mas não o encontrou.

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com